

**RESULTADO**  
**PRÊMIO NACIONAL DE LITERATURA DOS CLUBES**  
POESIA, LITERATURA INFANTIL, CRÔNICA E CONTO | 13ª EDIÇÃO | 2023

**Realização:**



**Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo**



**Academia Paulista de Letras (APL)**



**Brasil / Ano 2023**

# PRÊMIO NACIONAL DE LITERATURA DOS CLUBES

POESIA, LITERATURA INFANTIL, CRÔNICA E CONTO | 13ª EDIÇÃO | 2023

## Parecer da Comissão Julgadora

Este relatório tem o objetivo de elencar as qualidades literárias das obras que a comissão julgadora selecionou para premiação. Naturalmente, não inseri, neste parecer, qualquer alusão a pequenas deficiências que identificamos, até porque não anulam as virtudes. São poucas. Alguns clichês, pequenos erros de ortografia e gramática, que uma revisão mais atenta corrigirá, antes da publicação. Os autores saberão elevar o seu trabalho.

Como parece ter sido usual nos concursos promovidos pelo Sindi Clubes, o gênero no qual a comissão julgadora tem encontrado menos qualidade, em relação ao volume de inscritos, é a crônica. Foram poucas as obras que efetivamente atenderam aos requisitos literários da composição. Lembro que, se um autor defende uma tese e se concentra longamente na argumentação e na reflexão desse tema, o produto é um artigo, e não crônica. Outrossim, se um autor narra uma história com um único núcleo narrativo, com personagens, circunscrito no espaço e no tempo, e elaborado com começo, meio e fim, produz um conto, e não uma crônica. Na teoria literária, crônica é um flagrante do cotidiano, uma observação curta, rápida e pessoal sobre um aspecto específico da vida. Pode ser uma composição discursiva a respeito de uma árvore caduca que, muito velha, deu de produzir frutos fora do tempo. Pode ser uma ponderação sobre o hábito de usar tênis em qualquer situação, mesmo em eventos solenes. Ou sobre um poste plantado no meio de uma calçada, prejudicando a passagem. Tudo, na vida pessoal e social, pode ser crônica, gênero híbrido que transita entre a literatura e o registro jornalístico, e que por isso deve ter por base um fato. Pode ter personagens, ou não ter personagem algum – o sol da manhã é alegre, não tenho medo de fantasma, buzinas frequentes me irritam, preconceito é o mal do século. Na crônica, o autor pode descrever, narrar ou dissertar; pode usar humor, pode usar amor. O ideal da boa crônica é que o autor consiga observar algo que em geral escape do olhar das pessoas. Antonio Candido, o mestre, nos ensina que, “por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade do dia a dia”<sup>1</sup>, e, assim, conquista um público leitor.

Da mesma forma, não foi apresentado à comissão julgadora um número razoável de bons textos de literatura infantil. Por essa razão, foi concedida apenas uma menção honrosa. Talvez o Sindi Clube possa pensar em oferecer oficinas literárias para auxiliar na produção de mais material de qualidade para os próximos certames.

Passemos à análise das obras que, no julgamento desta comissão, mereceram menções honrosas e classificação em terceiros, segundos e primeiros lugares.

## POESIA

Para a terceira menção honrosa, os jurados selecionaram uma elegia aos rincões interioranos, com seus hábitos e modo de vida, sem desprezar atitudes, esperanças e afetos. As escolhas de

---

<sup>1</sup> CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22.

sequências consonantais permitiram uma construção sonora que contribui para com a melodia e a estesia da mensagem – v, s, z (e c com som de s, como em céu), são fricativas e remetem ao vento. As consoantes líquidas, como o l e o r brando, remetem ao deslizar de águas. Um interessante trabalho formal. O título nem precisaria remeter à obra de Guimarães Rosa. O texto é “O sertão e as veredas”, de Isabela Martino Menezes Resende.

Selecionada para segunda menção honrosa, quase uma prosa poética, trabalhada num reforço de aliteração, com a maioria dos finais de frases em primeira conjugação – com alguns substantivos intrusos que seguem a rima. No conjunto, uma sequência de questionamentos de base filosófica. Em alguns momentos revelam-se os inconformismos do poeta com diversos ensinamentos ancestrais e exemplos da lenda e da História, que ele contesta, sustentando críticas com afirmações fortes e indagações atrevidas. O tratamento da linguagem tem o seu tanto de criatividade e pretende cativar o leitor. A obra é “Pecado nada original”, de Carlos Reinaldo de Souza Bomfim.

Em contraste com as anteriores, do ponto de vista formal, a primeira menção honrosa, foi um reconhecimento da comissão julgadora à construção laboriosa de um soneto de rimas emparelhadas AAAA, BBBB, CDC, DCD e rimas iteradas (sons repetidos dentro das estrofes – “detento, talento, sedento”), auxiliando a musicalidade das paroxítonas tônicas finais. O autor conhece a língua e abraça-se a ela, competentemente. E não só: a mensagem é uma verdadeira profissão de fé. Esta menção foi concedida a “Labiríntico”, de João Pedro Greca de Macedo Biasi.

Vamos aos vencedores.

Escolhida para o terceiro lugar, uma poesia moderna, em ritmo ternário, com intensa conotação cristã, mas vestida de uma sólida base filosófica. É uma espécie de itinerário da condição humana e das possíveis transcendências que se nos apresentam a nós todos, eis que temos algo da divindade, a centelha mencionada pelos espiritualistas. Um trabalho de profundo pensamento. É “Viajante”, de Lívio Antonio Giosa.

O autor do poema selecionado para o segundo lugar, embora não trabalhe com o padrão parnasiano, lembra um trovador. Elaborou musicalidade agradável, numa alternância entremeada, aqui e ali, de decassílabos e dodecassílabos. Mas não se engane o leitor com a maviosidade do poema, porque é cru e doloroso. Fala dos desvalidos, dos pobres e dos infames (os sem fama). O título já antecipa que se vai tratar de resto, restolho, rejeito. Coisas para os rejeitados. É a crítica social que aborda aqueles que, sem voz, semelham o chorume, correndo, em silêncio, do monturo, mas identificados pelas mesmas características – e cito o trecho: “incômodo, invisível, tão distante, tão impertinente, tão insignificante, que jamais alguém escutaria!” O segundo lugar é de “Chorume”, de Francisco Carlos Machado Ribas.

Não é senão quase o mesmo o tema do texto que a comissão julgadora escolheu para o primeiro lugar. O poema trata de um mendigo. O autor observa que, por ser mendigo, não é menos humano, com as suas predileções, comportamentos que revelam o que foi, dentro do que está sendo, e que talvez ainda possa vir a ser. Os três fatos sociais de Durkheim (generalidade, exterioridade e coercitividade) aparecem nos questionamentos do autor-observador, tão ocupado com a sua rotina, mas reservando tempo para analisar a sua própria relação com o outro, seja de empatia ou de arrogância. O poema é intenso. Tanto que, para a comissão julgadora, a última quadra é absolutamente desnecessária. Tudo já foi dito antes – e bem. O primeiro lugar é de “Um lenço branco”, de Paulo Roberto Andrade.

## LITERATURA INFANTIL

Para esta categoria, houve por bem a comissão julgadora conceder uma única menção honrosa. Trata, em forma de poema, da Inteligência Artificial, tema estimulante principalmente para essa geração de crianças e jovens que nasceram, podemos dizer, dentro das plataformas eletrônicas. Possivelmente voltada, a composição, para adolescentes (acima de 13 anos), seu autor teve o cuidado de não menosprezar a inteligência dos seus leitores, apoiando-se em repertório escolhido e respeitando as informações técnicas que fazem parte do universo do desenvolvimento tecnológico. Apesar de um certo didatismo e do preceito moralizante do final, consegue não ser maçante. O texto é “Amigo Robô”, de Barbara Aparecida Mazzamuto Effori.

O terceiro lugar ficou com uma composição elaborada para crianças pequenas, que segue a técnica das parlendas, muito bem aceitas nas brincadeiras infantis de que mães e professoras lançam mão para ensinar vocabulário e ritmo. A repetição é recurso pedagógico e bastante bem-vindo nesse tipo de composição literária. Chama-se “Histórias curtas”, de Maria Letícia Pereira Tolomelli.

Para o segundo lugar, a comissão julgadora escolheu uma composição que faz um temerário jogo silábico para discorrer sobre IA (Inteligência Artificial), tema da moda para adolescentes e jovens. Temerário porque correu o risco de ficar entediante, o que não nos pareceu, porém, que tivesse ocorrido. “A parcerIA”, de Enzo Mazzamuto Effori.

O primeiro lugar coube, na decisão da comissão julgadora, a uma narrativa despojada, mas agradável e que tem até uma certa candura, dentro do modelo que o autor escolheu, de literatura fantástica. Tem um traço de narrativa das tradições indígenas e africanas, que tentam explicar a cosmogonia, ou seja, a criação do mundo. Mas, a começar pelo título, segue a ideia de colocar a tecnologia em pauta. E propõe, ao final, uma reflexão de certo desalento, que estimula a reflexão e o espírito crítico. O primeiro lugar é de “O dia em que a Terra pausou”, de Isabelle Martins Vieira Nunes.

## CRÔNICAS

A comissão julgadora escolheu, para menção honrosa, uma composição poética, um tanto dolorosa, que revela uma alma delicada, certamente feminina porque capaz de uma pedagogia e de uma compreensão de mundo que parecem próprias das professoras e das mães. Resvala para o conto, ao elaborar o roteiro com começo, meio e fim. Mas o registro de um momento cotidiano e suas implicações no amadurecimento da personagem conduzem o leitor àquele momento único de perscrutar o coração e a existência. “A metáfora da erosão”, de Amanda Aparecida Helena.

“Calçando lembranças” foi também selecionada para menção honrosa. O fio condutor da narrativa é uma calçadeira, o simples artefato usado para forçar o pé para dentro de sapatos. Tão simples e ao mesmo tempo valioso. O autor, que usa o pseudônimo de “Pé de moleque”, traz a essência da crônica, que é a observação de algo sem a pretensão de construir com esse algo uma história. Uma narrativa, limpa, clara, simples e agradável. O autor é Roberto Klotz.

Como menção honrosa, a comissão julgadora escolheu um texto que é quase uma alegoria. Fala de dualidades, fazendo alusão a comportamentos humanos. Entenda-se, por dualidade, a dicotomia bem/mal. Mas costume dizer que o tigre não mata porque é mau, mas porque é tigre. Assim é, no mundo animal e no nosso. Temos faces, e o autor compreende que, para

além de ser bom e de ser mau, é preciso ter empatia. Uma reflexão que cabe em qualquer tempo, em qualquer lugar. O texto é “O gato e a pomba”, de Renato Henriques de Faria.

O terceiro colocado na categoria é uma reflexão sobre a vida e o que ela nos reserva para ficar na memória, de eventos de somenos, que marcam, porém, para sempre. É uma crônica urbana, de acontecimentos cotidianos, influenciadores da imaginação e instigadores do devaneio. A narrativa é centrada em ocorrências, em certo grau, constrangedoras. Parece confessional, como se o autor buscasse no espelho “onde ficou perdida a sua face”. É a crônica “Aos Fatídicos Pequenos Grandes Momentos”, de Felipe Akio Matsuoka.

A crônica selecionada para o segundo lugar, “A Enciclopédia”, assim mesmo, com letra inicial maiúscula, também trata de memória. Tem um traço de ligeiro humor, que disfarça um saudosismo justificado, e discorre sobre o desprezado costume de fazer pesquisas em bibliotecas e em volumes de enciclopédias. É uma composição agradável, de bom repertório linguístico. O autor é Roberto Pereira Medeiros.

Como diria Antonio Candido, a crônica que recebeu a primeira colocação flui devagar, como conversa fiada de gente do interior – o pseudônimo reforça essa suposição. Tem um certo ar dolente que nasce da distância que afasta, dos novos costumes que afastam, da memória que trai. O linguajar é preciso como preciso é o falar caipira, e o autor não cede à tentação de usar o “caipirês” para mencionar as coisas das gentes e da terra. Uma qualidade de escritor. Conquistou o primeiro lugar. “Silent Autumn”, de Eurico Cabral de Oliveira Filho.

## CONTOS

Nesta categoria, a comissão julgadora atribuiu menção honrosa a um conto moderno, que une erotismo, rotina doméstica, violências dissimuladas – ou nem tanto –, rancores, vinganças e culpas. A trama narrativa, bem-feita, induz e conduz, competentemente. A narração em primeira pessoa confere credibilidade às descrições de assédio moral, que o assediador em geral nega ou minimiza. Nem tudo é honesto entre pessoas, nos relacionamentos, e este conto fere e machuca porque desvela desvios de conduta. Esta é uma história dura. E bem construída. É “Regurgito”, de Lara de Podestá Haje.

Outra menção honrosa foi concedida a um texto que trata de um reencontro fortuito na virada do século 20 para o 21. Um conto sobre a desdita de uma paixão perdida, que reaparece e faz revolutear um turbilhão de sentimentos dolorosos, ocultos na alma por 30 anos de afastamento. Na inscrição da aliança de casamento, um dístico que lembra a carta à amada imortal, de Beethoven para Antonie Brentano. Eis aqui o relato de intensas emoções da juventude por um personagem que as analisa com o amadurecimento de quem viveu outras. E que faz uma escolha. Ou não? O conto se chama “1999”, de Carla Maia Alves de Andrade.

Também destacado com menção honrosa, outro depoimento do modo de ser feminino. São confissões, retalhos, percepções, dentro de um doloroso envelhecer. O recurso de introduzir personagens apenas por meio de diálogos embeleza a narrativa. E a autora não se furta a um final surpreendente. E belo. É “Pas de deux”, de Adriana Crosta Turri Joubert.

Vamos aos vencedores.

Para o terceiro lugar, foi selecionado um conto do qual, a primeira coisa a se notar é a ausência de nome para a protagonista. É uma questão de identidade – ela não se reconhece ao espelho. O autor vai dando indícios do motivo da perda de consciência dessa mulher, revelada

apenas no penúltimo parágrafo, mas que o leitor atento adivinhará. O conto tem algo de fantástico, um recurso valioso para uma narrativa de tamanha subjetividade. “Do outro lado do espelho”, de Mike Mayer Harari.

Para o segundo lugar, foi selecionado um trabalho que escancara a opressão das máquinas, dos aplicativos e plataformas tecnológicas sobre as pessoas. É um conto curto, denso, que consegue navegar pelos dramas cotidianos das famílias subjugadas pela automação. Navegação orientada que, ao fim, leva à quase inexistência. Com a licença do autor, podemos inferir que sua mensagem é de que o ser humano é finito, a despeito de sua ânsia de perenidade apoiada na tecnologia. O texto é “Inteligência Artificial”, de Maria Gabriela Haye Biazevic.

Julio (assim mesmo, sem acento), o protagonista deste conto, é um transgressor, ocupado em pichações desafiantes para autoridades militares. A narrativa tem um traço onírico; é exagerada e de certo modo desconexa. Não à toa, o pseudônimo que Julio assume num hotel de terceira é Cortázar – e aí se percebe a proximidade do conto com a produção do intelectual argentino, inovadora porque transita entre o real e o fantástico. Para o primeiro lugar, a comissão julgadora escolheu “Perseguição”, de José Henrique Pilão Félix.

#### **A Comissão Julgadora:**

Joaquim Maria Botelho (UBE) – relator

Mafra Carbonieri (Academia Paulista de Letras)

Marcelo Nocelli (Editora Reformatório)

# PRÊMIO NACIONAL DE LITERATURA DOS CLUBES

## POESIA, LITERATURA INFANTIL, CRÔNICA E CONTO | 13ª EDIÇÃO | 2023

### RESULTADO – AUTOR, OBRA E CLUBE:

---

#### POESIA

**Primeiro lugar** | Paulo Roberto Andrade | Um Lenço Branco | Clube Alto dos Pinheiros (São Paulo – SP)

**Segundo lugar** | Francisco Carlos Machado Ribas | Chorume | Santa Mônica Clube de Campo (Colombo – PR)

**Terceiro lugar** | Lívio Antonio Giosa | Viajante | Esporte Clube Pinheiros (São Paulo – SP)

#### Menções honrosas:

1- João Pedro Greca de Macedo Biasi | Labiríntico | Clube Curitibano (Curitiba – PR)

2- Carlos Reinaldo de Souza Bomfim | Pecado Nada Original | Olympico Club (Belo Horizonte – MG)

3- Isabela Martino Menezes Resende | O Sertão e as Veredas | Minas Tênis Clube (Belo Horizonte – MG)

#### LITERATURA INFANTIL

**Primeiro lugar** | Izabelle Martins Vieira Nunes | O dia em que a Terra pausou | Mackenzie Esporte Clube (Belo Horizonte – MG)

**Segundo lugar** | Enzo Mazzamuto Effori | A ParcerIA | Círculo Militar de Campinas (Campinas – SP)

**Terceiro lugar** | Maria Letícia Pereira Tolomelli | Histórias curtas | Olympico Club (Belo Horizonte – MG)

#### Menção honrosa:

1- Barbara Aparecida Mazzamuto Effori | Amigo robô | Círculo Militar de Campinas (Campinas – SP)

#### CRÔNICA

**Primeiro lugar** | Eurico Cabral de Oliveira Filho | Silent Autumn | Anhembi Tênis Clube (São Paulo – SP)

[Segundo lugar](#) | Roberto Pereira Medeiros | A Enciclopédia | Clube Campineiro de Regatas e Natação (Campinas – SP)

[Terceiro lugar](#) | Felipe Akio Matsuoka | Aos Fatídicos Pequenos Grandes Momentos | Círculo Militar de São Paulo (São Paulo – SP)

#### Menções honrosas:

1- Renato Henriques de Faria | O gato e a pomba | Praia Clube (Uberlândia – MG)

2- Roberto Klotz | Calçando lembranças | Iate Clube de Brasília (Brasília – DF)

3- Amanda Aparecida Helena | A Metáfora da Erosão | Associação Esportiva São José (São José dos Campos – SP)

## CONTO

[Primeiro lugar](#) | José Henrique Pilão Félix | Perseguição | Cisplatina Futebol Clube (São Paulo – SP)

[Segundo lugar](#) | Maria Gabriela Haye Biazevic | Inteligência Artificial | Esporte Clube Pinheiros (São Paulo – SP)

[Terceiro lugar](#) | Mike Mayer Harari | Do Outro Lado do Espelho | Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo (São Paulo – SP)

#### Menções honrosas:

1- Adriana Crosta Turri Joubert | Pas de Deux | Esporte Clube Pinheiros (São Paulo – SP)

2- Carla Maia Alves de Andrade | 1999 | Olympico Club (Belo Horizonte – MG)

3- Lara de Podestá Haje | Regurgito | Iate Clube de Brasília (Brasília – DF)

#### A Comissão Julgadora:

Joaquim Maria Botelho (UBE) – relator

Maфра Carbonieri (Academia Paulista de Letras)

Marcelo Nocelli (Editora Reformatório)